

A localização da Universidade do Minho que devia unicamente depender dos interesses humanos subjacentes nas grandes linhas definidoras da estratégia de desenvolvimento da nossa região e do conceito de universidade integrante daqueles interesses e já proposto e aprovado pelo Governo, acaba de ser posto em causa com a introdução de uma motivação política que é importante examinar.

1. Em desfase de oportunidade, o gabinete de consultores do Plano do Porto contesta, com muita intensidade, mas evidente fluidez de argumentos, a posição assumida pela C.I.U.M. ao propor a implantação do campo universitário na área de Caldas das Taipas (mancha 5 do estudo da Profabril).

Simultaneamente, o mesmo gabinete de consultores aduz, além de razões de estrutura urbana que julga virem em oposição à escolha do referido local, várias considerações que penetram no quadro dos próprios conceitos adoptados pela nova universidade, a servirem de suporte à estrutura e orgânica que pretende criar-se, com caris que entre nós é original porque marcadamente interdisciplinar. Ultrapassa, aí, o mesmo gabinete de consultores, os estritos objectivos urbanísticos, para se embrenhar em domínios específicos da educação, ensino e investigação científica.

O planeamento sectorial deve caber à inalienável esfera de acção do respectivo sector.

Por outro lado, considera-se despicienda, porque não referida, a opção campo versus cidade universitária.

Mesmo que em relação aos custos dos transportes se admita como economicamente compensadora, a longo prazo, a fixação dos estudantes num centro urbano (que tanto pode ser Braga como Guimarães, Porto, Coimbra, Lisboa ou Faro), não pode deixar de se analisar a opção, face à actual conjuntura política.

Os lares de estudantes, integrados ou não numa cidade universitária, são focos de elitismo (pelo menos intelectualizante); desenraízam os jovens dos seus agregados familiares; eliminam a possibilidade de o estudante ser um agente dinamizador cultural na vila, aldeia, ou lugar da sua residência; mantém (acentua) as assimetrias culturais em relação aos grandes e muito grandes centros.

Em resumo: a sociedade socialista, que todos estamos (ou devemos estar) interessados em construir, aponta para certas e muito claras opções. A C.I.U.M. considera que uma universidade de estrutura marcadamente interdisciplinar e frequentada por alunos permanentemente integrados no seu meio familiar, serve de maneira particularmente o Povo da região onde nos encontramos. Serve, portanto, a sociedade que estamos decididos a construir.

Esta é uma questão de fundo que só pode ser contrariada por outro tipo de argumentação de fundo.

O país não pode consentir que neste momento se ponham em causa directivas governamentais e a partir dessa posição se reformulem conceitos e se revejam decisões, sem base justificativa profundamente realista, e apenas por desajuste de critérios subjectivos, de resto muito discutíveis na sua própria filosofia. Trata-se, ao fim e ao cabo de atitudes puramente académicas, mas que num momento rechea-

do de graves dificuldades, poderão equiparar-se a meros impeditivos formais, opositores da execução e realização concreta de que estamos superlativamente carecidos. E os sectores do ensino e da saúde são os mais graves que enfrentamos, como são também os mais caracterizadores de um estágio de evolução política e sócio-económica.

2. É por demais evidente - porque é sentido, embora não objectivamente expresso, em todas as oportunidades de diálogo que vão surgindo - que está essencialmente e de facto em causa, com sobeja evidência, o famigerado eixo, dito político, de Braga-Guimarães.

Como posição de princípio, recusa-se a C.I.U.M., e todos e cada um dos seus elementos a defender esse eixo. Ele foi analisado e definido a nível central, constitui objectivo de uma estratégia de desenvolvimento aprovada oportunamente pelo Governo e até hoje mantida sem rejeição pelo executivo. Foram, sim (e consideramos que muito bem), inflectidas certas linhas de política, mormente nos objectivos sociais do Plano, de acordo com a sociedade socialista que estamos empenhados em construir.

Se têm de reformular-se as estratégias de desenvolvimento regional (em termos de espaço e de tempo) - isso é tarefa que incumbe a níveis horizontais e verticais muito mais largos e diversificados do que uma singela e especializada consultoria urbanística, para mais voltada exclusivamente ao arranjo espacial da metrópole portuense, dentro dos parâmetros oferecidos em vasto contexto regional, entendido na dimensão alargada da Região-Plano. Acresce que, um estudo dessa índole, é incompatível, em tempo, com a premência de lançamento oportuno das novas universidades - a menos que elas próprias, e a diagnosticada necessidade em que se inserem, sejam igualmente postas em causa e submetidas a renovada reformulação de base.

3. Vem a propósito anotar, de resto, que as alternativas de localização da Universidade do Minho, oferecidas pelo mesmo gabinete de consultores, são de uma inconsistência aflitiva, ou motivadas pela simples insistência de neutralizar uma acção encetada. Realmente não resistem à mais elementar análise. Ou estão sob a directa área de influência do Porto e sua universidade, ou fogem demasiado para o litoral, ou se vinculam ~~excessivamente a uma cidade.~~

A última proposta - terrenos do quartel, em Braga - foi a primeira fogueira empírica que se abordou, antes ainda da universidade ser uma decisão e, portanto, muito antes de serem ~~criadas~~ criadas as primeiras estruturas humanas e institucionais para arranque da mesma universidade.

Tal localização resultou rejeitada ao primeiro detalhe analítico. Com efeito, o solo, em sua aptidão natural, é de utilização agrícola intensiva (regadio) em mais de 50% da área presumivelmente utilizável (não menos de 30 ha ocupados com explorações horto-frutícolas); além disso, quartel, carreira de tiro, serventia militar inerente, albergue, convento - tudo constitui acumulação de dificuldades e retardamentos, que bem sabemos serem, a curto prazo, intransponíveis. No restante terreno, há ainda uma ocupação social, além da já referida, que envolve uma dúzia de fogos.

É esta a grande alternativa, na falta de outros espaços, que oferece o gabinete de consultores do Plano do Porto.

4. Não devemos ocultar que se comenta, com certa generalização e insistência, embora a tese não surja expressa em reuniões formais, que o eixo Braga-Guimarães é artificiosa criação política herdada do regime anterior, destituído de qualquer realismo ou consistência prática exequível. Ora, bem ao invés, é exactamente este tipo de argumentação que revela rastros que desejávamos ver apagados. O artifício administrativo nunca justificou (e agora ainda menos) a segregação das comunidades descentradas, sobretudo quando o espaço é limitado e as distâncias se situam a níveis de acessibilidade de qualquer pequena metrópole. No coração de Tóquio, dentro de Londres, ou mesmo em Lisboa, os percursos médios de 20 quilómetros são hábito corrente para a procura dos mais elementares serviços.

Mantém-se de pé a tese de que se queremos construir uma metrópole que descompense, na vasta área da Região-Plano do Norte, a excessiva polarização do Porto, temos que aceitar e fortalecer espaços e dimensões supra-provincianos.

Volte a recordar-se que o Minho é área sub-regional (em termos de Plano) de ocupação humana profundamente dispersa e pulverizada.

Em espaço com tais características, e ainda densamente povoado, os equipamentos sociais de certa hierarquia (caso de uma universidade) têm de implantar-se, não desmultiplicados pelos minifúndios citadinos, mas concentradamente, em espaços de normal acessibilidade metropolitana (visando já a futura criação da planeada metrópole), em centro de área geográfica capaz de servir largas comunidades que são o fermento gestor dos hábitos, dos processos e da qualidade metropolitana. Nem se vê outra possibilidade de ultrapassar o deprimido ruralismo das áreas envolventes de todos os aglomerados urbanos minhotos.

Temos como certo que não pode nem deve prosseguir-se o inibidor sistema que consiste em rivalizar na disputa de equipamentos, com mais ou menos empenhamento popular até porque essa metodologia divisionista serve (quando serve) populações despolitizadas ou pretensamente dependentes de caciquismos ~~xxxxlxxxx~~ ~~xxxx~~ tradicionais.

A localização da U. do M. não pode fazer-se depender de factores estranhos à realidade sócio-económico-cultural da totalidade das populações que vai servir e servirá.

UNIVERSIDADE DO MINHO

Inquérito aos alunos dos cursos complementares
do ensino secundário

- 1. A que distância (aproximada) vive do Liceu (ou Escola).....
- 2. Frequenta um curso diurno.... nocturno.....
- 3. Para frequentar as aulas desloca-se a pé sim.... não....
- 4. Se utiliza transporte público.... privado....
- 5. No caso de não viver na mesma localidade onde se encontra o Liceu (ou a Escola) e utilizar transporte público
 serve-se dele diariamente duas vezes..... quatro vezes.....
 tem passe sim... não.....
 quanto pagou por ele.....
 se não tem passe
 paga diariamente o bilhete sim.... não....
 quanto paga por cada viagem..... (num só sentido)
- 6. Almoça fora de casa sim.... não....
 quanto paga por refeição.....
- ~~7. Tenciona matricular-se na universidade sim..... não.....~~
- 7. Tenciona prosseguir os seus estudos numa universidade sim... não...
 No caso de não prosseguir os estudos, tal é devido a razões económicas....
 ou a outros motivos.....

Observações que julgue importante referir:

Quanto a transportes.....

Quanto a refeições.....

Outras.....

Não assine este inquérito, mas não deixe de indicar o nome da vila, aldeia, lugar onde vive e o da respectiva sede do concelho.

Frequência escolar no distrito de Braga (cursos secundários e complementares): Digitalizado por FCLB

Num raio de 15 quilómetros

com centro em Braga (cidade)

6 833 alunos dos cursos secundários. (3^o a 7^o)

1 716 " " " complementares (1^o a 2^o) → 1974/75

repartidos por:

2 liceus (Braga)

2 escolas técnicas (Braga)

5 colégios (Braga)

2 externatos (Braga)

e ainda 10 escolas preparatórias

servindo: Braga, Vila Verde e Amares e Caldas das Taipas;

num raio de 15 quilómetros com centro nas Caldas das Taipas:

11 410 alunos dos cursos secundários

2 648 " " " complementares → 1974/75

repartidos por:

3 liceus (2 Br + 1 Guimarães)

3 escolas técnicas (2 Br + 1 Guimarães)

8 colégios (5 Br + 3 Guimarães)

4 externatos (Vizela, Braga (2), Guimarães)

e ainda 19 escolas preparatórias

servindo: Braga, Guimarães, Joane, Vizela, Póvoa de Lanhoso e Caldas das Taipas.

Quadro de frequência

	Total	complementares	escolas de ciclo
Braga	6 833	1 716	6
Guimarães	4 637	932	8
Famalicão	2 781	350	3
Barcelos	1 885	212	4
Fafe	1 867	-	1
Total	17 003	3 210	22